

Ensino do Empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o Desenvolvimento Econômico e Social Sustentável: um estudo sobre a metodologia “Pedagogia Empreendedora” de Fernando Dolabela

Autoria: Vilma Meurer Sela, Francis Ernesto Ramos Sela, Daniela Quaglia Franzini

RESUMO

A influência da cultura empreendedora é de fundamental importância para o processo de desenvolvimento de uma nação. Neste sentido, a introdução de disciplinas de empreendedorismo na educação básica tem um caráter revolucionário. Diante da concepção de que estágios sociais diferentes sugerem propostas específicas de ação empreendedora, Fernando Dolabela viu a necessidade de se criar algo brasileiro, reconhecendo a importância da diversidade cultural e acreditando na capacidade de protagonizar os sonhos do brasileiro e construir o seu futuro. À luz desta realidade, a presente pesquisa teve por objetivo avaliar o ensino do empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o desenvolvimento econômico e social sustentável, descrevendo a metodologia criada por Fernando Dolabela, a Pedagogia Empreendedora. Dessa forma, foi realizado um estudo de caso, com vistas a avaliar a aplicação da “Pedagogia Empreendedora” na rede de ensino do Município de Mandaguari-PR. Para tal, foi realizada uma pesquisa com 95 educadores, assim como tomados alguns depoimentos dos alunos em relação à sua satisfação com o projeto. Os resultados apontam para uma metodologia eficaz na formação empreendedora, uma vez que os alunos apresentaram mudança em seu comportamento.

Introdução

O Conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil, nos últimos anos, intensificando-se no final da década de 1990. Um fator que tem colocado a questão do empreendedorismo como prioritário nas discussões acadêmicas e econômicas é o estudo realizado em vários países, comprovando a influência da cultura empreendedora no processo de desenvolvimento econômico de uma sociedade. Tais estudos demonstram que quanto maior a parcela de uma população com características empreendedoras maiores são as chances daquela nação ou sociedade se desenvolver e gerar riquezas. Neste sentido, a sociedade e, principalmente, os educadores devem se alertar para este dever e se perguntar se estão formando empreendedores ou apenas profissionais que desempenharão bem o seu papel de funcionário e colaborador.

Quem não se lembra dos seus pais ou de seus professores do ensino fundamental e médio dizendo: “você precisa estudar e ser um bom aluno para conseguir um bom emprego no futuro”? Por que nunca se ouve dizer: “Você precisa estudar para ser um grande empresário ou um grande empreendedor”? Os indivíduos estão dentro de casa, nas escolas e na comunidade, deixando de estimular a cultura empreendedora nas futuras gerações e limitando seus sonhos. Vive-se no início da era do *fim dos empregos* e a alternativa que melhor se apresenta para a solução deste impasse é o estímulo ao espírito empreendedor das futuras gerações, não sendo esta uma atribuição exclusiva das escolas de administração ou das instituições de ensino superior. Trata-se de uma postura que deve ser tomada desde a infância, no âmbito familiar, e desde o ensino fundamental, no âmbito social.

Neste sentido, a introdução de disciplinas de empreendedorismo na educação básica tem um caráter revolucionário. Isto significa uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser. Sobretudo, na sala de aula, elementos como atitude, comportamento, emoção, sonho, dentre outros, ganham a atenção dos educadores, que antes era ocupada somente pelo saber. Segundo Dolabela (2003), todos nascem empreendedores, e que se o deixam de sê-lo mais tarde, isto se deve à exposição

a valores anti-empreendedores na educação, nas relações sociais, no “figurino cultural” conservador a que o indivíduo é submetido. Lidar com crianças, por conseguinte, é lidar com autênticos empreendedores ainda não contaminados por esses valores.

A educação empreendedora deve incluir, necessariamente, o aumento da capacidade de gerar capital social e capital humano. Do contrário, continua-se a negar a participação de grandes camadas da população no processo de gerar renda e de usufruir as riquezas. Sendo assim, é possível afirmar que a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora. Diante desta realidade, surge a necessidade se estudar e dar maior destaque ao “ensino do empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o desenvolvimento econômico e social sustentável”.

Formação Empreendedora

Formação empreendedora é o processo de construção de novos padrões de comportamento, a partir de descobertas interessantes sobre as potencialidades pessoais, contexto cultural, motivações e sonhos. O ensino do empreendedorismo durante a formação de um novo profissional tem sido considerado pelos especialistas como vital para o seu sucesso, principalmente se ele for egresso das escolas ditas de massa. Estas instituições concebem seu projeto pedagógico baseado em novos paradigmas educacionais, bem como no desenvolvimento das competências para o trabalho, considerando todas as peculiaridades e incertezas da sociedade do século XXI.

O empreendedorismo transforma-se, assim, na inusitada revolução social que deverá ocorrer no século XXI, comparável aos efeitos da revolução industrial ocorrida no século passado. Esta transformação surgiu a vinte anos nos Estados Unidos, visando estimular a criação de empresas de sucesso, bem como, procurando diminuir os riscos inerentes aos processos de inovação. Para compreender este fenômeno torna-se importante lembrar que, em 1975, nos EUA, cinquenta instituições universitárias ministravam aulas de empreendedorismo, sendo que em 1998 já eram mais de mil. Nos dias de hoje, o ensino de empreendedorismo no primeiro grau tornou-se obrigatório em cinco estados americanos. (TERRA ,on-line, 2005).

Por sua vez, o empreendedorismo se estabelece como um fenômeno cultural e, deste modo, fortemente relacionado e embasado no processo educacional. O empreendedorismo mergulha fundo no estudo do comportamento, das atitudes empreendedoras, das condições ambientais e depois formula métodos de ensino para a sua socialização. Os pilares do ensino empreendedorista são a formação de atitudes e o desenvolvimento de técnicas de planejamento.

Com o empreendedorismo estabeleceu-se uma metodologia de ensino especializada na tarefa de forjar intelectos mais preparados a sonhar, inovar, planejar e assumir riscos com maiores chances de sucesso. Com o ensino do empreendedorismo os talentos empreendedores inatos também serão beneficiados e aproveitados pela sociedade de uma maneira mais rápida, eficiente e produtiva. Os pressupostos da formação do empreendedor baseiam-se mais em fatores motivadores e habilidades comportamentais do que em um conteúdo puramente instrumental. Esta característica irá provocar mudanças radicais na abordagem educacional, principalmente no que diz respeito à própria metodologia de ensino.

No que se refere aos modelos educacionais vigentes nas instituições brasileiras, até recentemente, o ensino tradicional não enfatizava a formação de profissionais empreendedores, estando, na verdade, orientado para o emprego, isto é, para a formação de indivíduos que busquem carreira profissional, mormente, em grandes empresas. Um grande número de educadores reconhece que o atual sistema de ensino enfatiza a aquisição do conhecimento e que não se preocupa com o desenvolvimento de habilidades específicas para

o uso produtivo desse conhecimento. Do mesmo modo, reconhecem que as metodologias tradicionais de ensino não enfocam o desenvolvimento da cultura empreendedora. Neste sentido, as disciplinas de formação empreendedora devem ser elaboradas a partir do desafio de se introduzir novos conteúdos e novos processos didáticos que superem obstáculos à inovação. E assim, devem ser inseridas na educação básica, para que o indivíduo não se depare, inicialmente, com a formação anti-empreendedora.

Sendo assim, o ensino do empreendedorismo deve ser apontado como prioridade na política governamental de qualquer país que queira se desenvolver e ter inovações tecnológicas e, com isso, almeje constituir-se em uma economia competitiva no mundo globalizado.

Teoria Empreendedora dos Sonhos

A Teoria empreendedora dos sonhos é uma teoria revolucionária e inédita. Fernando Dolabela, por não encontrar um conceito de empreendedorismo na literatura que pudesse basear a proposta da Pedagogia Empreendedora, criou um entendimento diferenciado do tema. Segundo esta teoria, o empreendedor em qualquer área é alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade. Esse novo olhar sobre a capacidade empreendedora permitiu transportá-la do seu berço original, a empresa (sem dele sair) para todas as atividades humanas. Concomitantemente, leva a avistar o empreendedor como uma forma de ser e a identificar que o modo de ser e a escolha do que fazer, definem o empreendedor, independentemente do campo em que atue. Por isso, Dolabela (2003) qualifica o empreendedorismo como “uma forma de ser”, defendendo a extrapolação da ação empreendedora para todas as atividades, lucrativas ou não-lucrativas. Essa visão ampla do empreendedorismo abre as portas para se falar em educação empreendedora para crianças e adultos deixando de vincular o espírito empreendedor exclusivamente às atividades de criação de empresas e de geração de auto-emprego. Fala-se em ser empreendedor.

O papel do empreendedor no desenvolvimento econômico e social sustentável

Há sérias razões para se construir uma sociedade empreendedora. Para Dolabela (1999), a capacidade empreendedora é condição necessária para o desenvolvimento humano, social e econômico de qualquer comunidade. O empreendedorismo combate o desemprego e pode ajudar a distribuir renda, conhecimento e poder de uma sociedade extremamente desigual como a brasileira.

O empreendedor é importante porque é a mola da economia, pois é o empreendedor que gera emprego, inovação, é ele quem transforma conhecimentos em riquezas, que transforma idéias em bens e serviços. (DOLABELA, online, 2005.). Todavia, para que o empreendedorismo sirva de alavanca para o desenvolvimento, é preciso que ele seja não só gerador de riqueza, mas também distribuidor dessa riqueza. Esta deve ser a nova construção ética: o empreendimento bom é aquele que contribui para a melhoria das condições de vida da coletividade.

O ideal seria que a sociedade tivesse grandes empresas concentradoras, que operam em grande escala e exigem grandes investimentos, em conjunto com microempresas. Mas como se faz isso? Qual a importância? Como se aplica na educação? É desde cedo, mostrando para as crianças que elas podem desenvolver habilidades de oferecer utilidade para os outros, oferecer valor positivo para outros, e isso é geração de empresas, que é a forma mais usual de empreendedorismo. Então, na medida em que se tem uma sociedade que cria condições, em termos legais, em termos de sistemas de regulação, em termos de financiamento, em termos de oferta de crédito e capital, criam-se ótimas condições para que as pessoas inovem, em negócios próprios. Com isso, tem-se uma sociedade mais empreendedora e, por sua vez, capaz de maior sustentabilidade. Ao bloquear este caminho, como ocorre no Brasil, tem-se uma

sociedade sem força, sem condições, sem elementos para a sobrevivência, por mais que se busque o contrário.

Educação empreendedora para o Brasil

A concepção da agenda de desenvolvimento de um país afeta o papel que se espera do empreendedor, assim como de todos os demais atores da sociedade. A agenda brasileira difere da agenda social dos países que se toma como modelo. No Brasil só interessa o empreendedorismo capaz de gerar e distribuir renda, conhecimento e poder. Daí a importância de levar em conta que, no Brasil, a educação empreendedora deve incluir necessariamente o aumento da capacidade de gerar capital social e capital humano, caso contrário, o país continuará a negar a participação de grandes camadas da população no processo de gerar renda e usufruir as riquezas.

Segundo Dolabela (2003), a crença no Brasil é de que quem tem capacidade para mudar é o poderoso, é o presidente, é o governador. E o povo é apático. Em outras sociedades há uma outra consciência. As pessoas sabem que, se elas se organizarem, poderão participar da construção de seu presente e de seu futuro.

Uma pesquisa internacional (realizada pelo GEM) aplicada no Brasil revelou que, em 2000, o povo brasileiro era o mais empreendedor entre os 20 países com as maiores economias do ocidente. Esta pesquisa, que teve o grande mérito de colocar o empreendedorismo na mídia brasileira, mostrou que os valores sociais não podem ser importados e que não se pode reduzir a um mesmo denominador comum, empresas de alta tecnologia (criadas nos países desenvolvidos) com atividades de pura sobrevivência (adotadas, no Brasil, pela maioria). Estágios sociais diferentes sugerem propostas específicas de ação empreendedora, que por sua vez, requerem estratégias educacionais próprias. O nosso tecido cultural, rico e criativo pela sua diversidade, injusto por sua história, livre e alegre por sua visão de mundo, fornece os fundamentos que dão vida à “Pedagogia Empreendedora” e à proposta de sua aplicação na educação básica. (DOLABELA, 2003).

Na tentativa de transformar seu sonho em realidade, Dolabela desvelou a sua grande complexidade: a necessidade de se criar algo brasileiro e a ausência na literatura de uma idéia que contivesse a amplitude conceitual que desejava dar ao empreendedorismo, deslocando do âmbito do saber para o âmbito do ser. A “Pedagogia Empreendedora” entende que o empreendedorismo, pelo seu potencial de ser utilizado com principal força na eliminação da miséria e na diminuição da distância entre pobres e ricos, tem como tema central o desenvolvimento humano, social e econômico.

Aspectos Metodológicos

O presente projeto caracterizou-se como uma pesquisa descritiva e qualitativa sobre o ensino do empreendedorismo na educação básica, descrevendo a metodologia “Pedagogia Empreendedora” e sua implantação nas escolas da rede de ensino do Município de Mandaguari-Pr.

A Pesquisa descritiva objetiva conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir para modificá-la. Pode-se dizer que ela está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpreta-los. Além disso, ela pode se interessar pelas relações entre variáveis e desta forma aproximar-se das pesquisas experimentais. A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. (VIEIRA, 2002). Os estudos mais utilizados nesse tipo de pesquisa são: o longitudinal (coleta de dados ao longo do tempo) e o transversal (coleta de dados somente uma vez no tempo). As pesquisas descritivas compreendem grande número de métodos de

coleta de dados, os quais compreendem: entrevistas pessoais, entrevistas por telefone, questionários pelo correio, questionários pessoais e observação. (VIEIRA, 2002)

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996). Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico, mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambigüidade. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados (NEVES, 1996).

Em certa medida, os métodos qualitativos se assemelham a procedimentos de interpretação dos fenômenos empregados no dia-a-dia, que tem a mesma natureza dos dados que o pesquisador qualitativo emprega em sua pesquisa. Godoy (1995) aponta a existência de, pelo menos, três diferentes possibilidades oferecidas pela abordagem qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

Para a elaboração da presente pesquisa foram utilizados os tipos de pesquisa descritiva, por objetivar conhecer e interpretar uma metodologia, procurando descrevê-la, assim como, expor suas características; e qualitativa, por buscar a obtenção de dados mediante contato direto com a situação objeto de estudo, a metodologia “Pedagogia Empreendedora”. Por sua vez, buscou-se avaliar a Metodologia segundo a perspectiva dos participantes, através de seus depoimentos, reduzindo a distância entre o contexto e a ação, obtendo dados através da descrição dos fenômenos do dia-a-dia. Os estudos da pesquisa descritiva foram do tipo transversal, tendo como métodos de coleta de dados, observação, entrevistas pessoais e questionários pessoais, aplicados aos professores e coordenadores do projeto. Na pesquisa qualitativa utilizou-se o método do estudo de caso, tendo em vista que foi realizado um exame detalhado de um projeto específico, procurando avaliar sua implantação.

Para se criar subsídios para a pesquisa propriamente dita, buscou-se informações, ainda, através de estudos bibliográficos sobre o ensino do empreendedorismo na educação básica, com pesquisas em livros, artigos e Internet.

A Metodologia “Pedagogia Empreendedora”

A “Pedagogia Empreendedora” é uma metodologia de ensino de empreendedorismo para a educação básica, atingindo, portanto, crianças e adolescentes, dos 4 aos 17 anos, da pré-escola ao nível médio, que utiliza a Teoria Empreendedora dos Sonhos. É um momento curricular onde o tema central seja o desenvolvimento da consciência de que cada um possui o direito de sonhar e a capacidade de buscar a realização de seu sonho. Em um primeiro momento, o aluno desenvolve um sonho, um futuro onde deseja chegar, estar ou ser. Em um segundo momento, ele busca realizar o sonho e para isto, se vê motivado a aprender o necessário a esse objetivo.

O seu objetivo é a inserção do ensino de empreendedorismo na rede de ensino pública e privada, evitando-se a duplicação de meios e esforços e minimizando-se custos. Mais importante, a Metodologia leva em conta as raízes da cultura brasileira, o que é uma exigência irrecusável, já que o empreendedorismo é um fenômeno cultural. Ela toma o empreendedorismo no sentido amplo, ou seja, mais como uma forma de ser do que como uma atividade. Não é diretiva, isto é, não induz a criança ou o adolescente a ser empreendedor na área empresarial nem, tampouco, em qualquer área. Esta é uma opção do indivíduo. O que se

pretende é que o aluno seja empreendedor em qualquer área que escolher: no governo, no terceiro setor, como empregado, como pesquisador, como artista. Cabe ao aluno, e somente a ele, fazer opções profissionais e decidir que tipo de empreendedor irá ser.

A “Pedagogia Empreendedora” está vinculada a tecnologias de desenvolvimento local sustentável e, por isto, tem como alvo não só o indivíduo, mas a comunidade. Estimula a capacidade de escolha do aluno, sem influenciar as suas decisões, preparando-o para as suas próprias opções. O seu teste piloto foi feito em 2002, nas cidades de Japonvar, norte de Minas Gerais e Belo Horizonte. A partir de então, várias cidades a implementaram em toda a rede pública municipal (e algumas na rede estadual): Santa Rita do Sapucaí (MG), Guarapuava (PR), Três Passos (RS), São José dos Campos (SP), Jacarezinho (PR).

Concebida e criada pelo professor Fernando Dolabela, a “Pedagogia Empreendedora” contou com o apoio da ONG Visão Mundial, que financia o projeto e de uma equipe composta por cerca de 20 profissionais da educação com sofisticado perfil acadêmico e grande prática escolar, em um trabalho que durou três anos. Com uma abordagem acentuadamente humanista, a metodologia elege como tema central não o enriquecimento pessoal, mas a preparação do indivíduo para participar, ativamente, da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social.

A proposta pedagógica

A “Pedagogia Empreendedora” não se propõe a ser uma metodologia educacional de uso amplo. Restrita ao campo do empreendedorismo, conviverá com as diretrizes fundamentais de ensino básico adotadas no ambiente de sua aplicação. A estratégia didática irá se materializar na apresentação de duas propostas de ação aos alunos: a) a formulação do sonho; e b) a busca de sua realização.

Tomadas como uma unidade indissociável, as duas ações compõem o eixo do auto-aprendizado e acompanharão o aluno a partir dos quatro anos de idade, a cada série, ao longo dos quatorze anos da educação básica, de tal forma que a tarefa pedagógica consistirá em movimentar o ciclo “sonhar e buscar realizar o sonho” a cada ano letivo. (DOLABELA, 2003).

O programa curricular será iniciado com a seguinte pergunta: “Qual o seu sonho e como buscará realiza-lo?” Ao final do ano letivo, o período de trabalho será encerrado com a apresentação individual dos alunos: “Aqui está a descrição do que fiz para formular meu sonho e o esforço que desenvolvi buscando realiza-lo.” (DOLABELA, 2003). Ao formular o sonho, o aluno deve trabalhar para conhecer a si mesmo, conhecer a realidade em que está inserido, assim como, conhecer a natureza de seu sonho.

A “Pedagogia Empreendedora” é uma estratégia destinada a dotar o indivíduo de graus crescentes de liberdade, para que este possa fazer a sua escolha. A criança, ao formular seu sonho e tentar transformá-lo em realidade, assumirá o controle de todo o processo e suas conseqüências, analisando a viabilidade do sonho e sua capacidade de gerar auto-realização. Desta maneira, ela assume o controle e a responsabilidade, em graus compatíveis com seu grau de maturidade, por meio de exercícios que a acompanham da pré-escola ao nível médio.

No mundo sem distâncias no qual se vive, a formação das culturas ainda tem origem na aldeia, mas numa aldeia com limites ampliados. Sendo assim, é importante que toda escola e toda estratégia pedagógica ofereçam os meios para que o educando possa ter acesso ao mundo, bem como, consiga conversar com esse mundo. Negar esses instrumentos aos alunos, sobretudo àqueles de comunidades carentes, é insistir na proposta de exclusão social que irá se refletir no país como um todo, porque a riqueza de uma nação está, agora mais do que nunca, na capacidade que tiverem seus habitantes de oferecer valor ao mundo. (REICH, 1994).

Implementação da Metodologia “Pedagogia Empreendedora”

A implementação da “Pedagogia Empreendedora” é a resposta para a seguinte indagação: Como apresentar a questão “sonhar e buscar realizar sonhos” aos alunos, série por série, e introduzi-la nos espaços curriculares existentes? Há dois desafios relevantes ao se implementar a “Pedagogia Empreendedora”. O primeiro será entender a capacidade do aluno, em suas diversas fases e idades, de lidar com o ciclo “sonhar e buscar a realização do sonho”; o segundo consistirá em descobrir a linguagem e os processos motivacionais para que ele responda com ação à pergunta fundamental sobre qual é o sonho.

Não existe um padrão, modelo ou “receita” para isso. A “Pedagogia Empreendedora” é recriada a cada implementação, considerando-se as peculiaridades do professor, do aluno, da instituição e da cultura local. O ensino para o desenvolvimento do saber empreendedor não é constituído pela transferência de conhecimentos, mas sim, pela indução à prática, pela criação de condições para que o aluno possa desenvolver sua capacidade de aprender sobre o ambiente de seu sonho e criar estratégias para a sua realização, identificando e aproveitando oportunidades, ou seja, a ênfase no auto-aprendizado. Neste processo, a tarefa do professor, além de apresentar a pergunta fundante, será a de apoiar o aluno na busca e construção do conhecimento, e não a de ensinar.

Opção pela Pedagogia Empreendedora: uma decisão da escola

Por se tratar de uma proposta de mudança cultural, A “Pedagogia Empreendedora” jamais poderá ser imposta. Sua adoção é uma decisão política de cada escola, congruente com sua visão de mundo. Por exigir grande energia do corpo docente para conduzir as mudanças que suscita, é imprescindível total comprometimento da escola. A implementação invasiva é inadequada, não só, porque a metodologia pressupõe cooperação para a construção coletiva, mas, também, pela necessidade de recriação da metodologia pelo professor, o que exige empenho e convicção.

O papel do professor

Na “Pedagogia Empreendedora”, a ênfase no auto-aprendizado não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta a sua importância, visto que cabe a ele ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito de saber. O que muda em relação ao ensino convencional é a posição do professor como detentor do saber, assim como as estratégias para aquisição do saber empreendedor.

A “Pedagogia Empreendedora” não cria a necessidade de especialistas para a sua inserção no sistema regular de ensino. Contrariamente, é disseminada por meio da preparação de docentes que já participam da rede formal implantada, de tal modo que o agente da “Pedagogia Empreendedora” é o professor. Ele é quem irá preparar um ambiente favorável para que o aluno tenha possibilidade de construir seu próprio saber empreendedor. O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos; e, ao mesmo tempo, oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto-organizadora.

À luz da estratégia pedagógica proposta, a primeira tarefa da escola e do professor será a de criar o ambiente em que capacite o aluno de aprender. Se a fonte de aprendizado é o mundo, a escola deverá aceitar essa disseminação e trazer a comunidade para dentro da sala de aula, derrubando muros. Onde a metáfora “derrubando muros” refere-se a todos os limites de aprendizado criados e impostos por qualquer sistema, seja ele educacional ou social. Neste sentido, é inteiramente válido dizer que, igualmente, o professor se propõe a ser empreendedor em sala de aula, porque estará diante da tarefa de transferir informações, mas

de desenvolver potenciais, levando em conta a natureza peculiar e a visão de mundo que cada aluno desenvolve.

Forma de implementação

A “Pedagogia Empreendedora” é implementada através das seguintes atividades:

- *Palestra de sensibilização para as lideranças locais* (no caso de cidades). O objetivo da palestra é formar um pacto social para a implementação do ensino de empreendedorismo, cuja liderança deve ser da comunidade;
- *Seminário de Transferência de Metodologia para professores da educação básica*, com o intuito de transferir a metodologia para os professores, orientadores, supervisores, diretores.
- *Seminários de formação de multiplicadores e gestores*, com o propósito de preparar professores das escolas para oferecerem o seminário Transferência de Metodologia para outros professores, gerando auto-suficiência para a manutenção e evolução do programa.

Instrumentos e elementos de suporte da “Pedagogia Empreendedora”

Os elementos de suporte têm a finalidade de preparar e fortalecer o aluno para sua tarefa central, que é sonhar e buscar realizar o seu sonho, e serão exercitados durante o curso. Eles são, portanto, subsidiários, dizem respeito à estratégia, representam o “como fazer”. Além da elaboração do Mapa do Sonho, que é o caderno do aluno, ou seja, um roteiro para auxiliá-lo na formulação do sonho e no planejamento de sua execução, o aluno, através de jogos, exercícios, simulações, técnicas teatrais e outros métodos introduzidos pelo professor, ganhará intimidade com os elementos de suporte, que atuam como apoio na sua ação de sonhar e realizar o sonho. Sendo assim, a “Pedagogia Empreendedora” é apoiada por materiais didáticos para o professor e para os alunos. Paralelamente às atividades em classe, a escola poderá promover eventos para motivar os alunos, bem como sensibilizar a comunidade.

Avaliação

Na Pedagogia Empreendedora, o professor deve criar condições para que o aluno desenvolva a capacidade de se auto-avaliar. Não há como transportar para a “Pedagogia Empreendedora” a função classificatória e seletiva da avaliação adotada pela educação tradicional, que tende a reproduzir diferenças de poder, mesmo porque, não se trata de avaliar conteúdos cognitivos. Trata-se de vida, emoção, sonhos, que não podem ser avaliados por terceiros, mas exclusivamente pelo próprio indivíduo.

Integração com as forças vivas da sociedade

A “Pedagogia Empreendedora” traz a comunidade para a sala de aula, utilizando a socialização como fonte de conhecimento, de experiência, de vida, de modelos. O aluno deve perceber que poderá, e deverá, buscar auxílio na comunidade para a realização do seu sonho. A chave para o sucesso deste processo é a interação com a comunidade. A oportunidade de conhecer a experiência de empreendedores, ainda que um pouco rara, é riquíssima e insubstituível. Não se buscam “fórmulas para o sucesso”, mas sim, o conhecimento dos fatores que ajudaram ou prejudicaram alguém em seu processo empreendedor.

Resultados da aplicação da Metodologia na rede de ensino de Mandaguari-Pr

O projeto “Pedagogia Empreendedora” foi implantado em Mandaguari em setembro de 2003, iniciando suas atividades no ano letivo de 2004. A implantação se deu através de um edital do SEBRAE-PR, estendido a todos os Municípios da AMUSEP – Associação dos

Municípios do Setentrião Paranaense, em parceria com a ARD – Agência Regional de Desenvolvimento, entidade qualificada para aderir ao projeto, além do Fórum Municipal de Desenvolvimento.

Atualmente, o programa está sendo desenvolvido em treze escolas da rede municipal de ensino, sendo três escolas de ensino fundamental, três escolas de educação infantil e cinco centros de educação infantil. A rede estadual mostrou total interesse, entretanto, o núcleo regional de educação não permitiu a participação das escolas estaduais. Para que as escolas particulares pudessem aderir à metodologia, teriam que comprar os direitos autorais do projeto. Todavia, o custo excessivo do projeto inviabilizou sua implantação nestas escolas. O projeto conta, agora, com a participação de 210 professores e 3.479 alunos; e as aulas são realizadas uma vez por semana, com duração de uma e duas horas. O projeto teve ótima aceitação por parte dos alunos, tanto que o denominaram como a “aula dos sonhos”.

Relatório da pesquisa nas escolas

Segundo o depoimento de professores e das coordenadoras do Programa, Odete Ferreira da Cruz e Rosana Micheletti Leal, no início do projeto houve muita ansiedade por parte de todos os envolvidos. Com o passar do tempo, o nível de ansiedade foi baixando, pois alunos e professores foram se empolgando, chegando, até mesmo, a ultrapassar do tempo previsto para as atividades. Os alunos começaram a sonhar. Podia-se observar através dos desenhos, das falas, da elevação da auto-estima, do auto-conceito, do brilho nos olhos quando falavam sobre seus sonhos.

Contudo, durante o desenrolar dos trabalhos aconteceram dificuldades em encontrar alguns dos filmes e histórias sugeridas, os quais foram adaptados. Nestes casos, os objetivos das atividades eram analisados pelos educadores, que os substituíam por textos ou filmes de conteúdos semelhantes. Sob a perspectiva dos alunos, foram “atividades interessantes”. A grande maioria manifestou sonhos que só poderão ser realizados num futuro distante, como sua profissão. Outros sonham em ajudar a família ou um amigo próximo, com a compra de um carro, uma casa, dentre vários outros sonhos citados pelos alunos. As primeiras séries encontraram mais dificuldades, pois, segundo as professoras, se um aluno tinha um sonho, todos queriam o mesmo, mudando o seu sonho para tornar-se igual ao amigo. Foi necessário um trabalho diferenciado para a firmeza de cada um em seu objetivo. Alguns alunos irão realizar o sonho de conhecer a praia durante as próximas férias.

Nas segundas séries, os trabalhos foram realizados de forma mais tranqüila. Os professores perceberam resultados positivos, pois os alunos, no geral, gostaram das atividades. Diziam que era muito bom pensar e falar sobre o seu sonho, assim como era melhor ainda buscar a sua realização. Uma professora, em especial, achou curioso um aluno sonhar em ser rico e dizer que irá estudar bastante e trabalhar muito para enriquecer. Muitas meninas querem ser professoras e muitos meninos, jogadores de futebol; e nos intervalos das aulas eles brincam de escolinha e de bola, respectivamente.

Nas terceiras séries, o trabalho em uma escola, em especial, foi difícil. Uma professora desistiu logo no início, por não concordar com o apadrinhamento; e outra ficou desestimulada por achar as atividades repetitivas. Por fim, esta professora priorizou algumas atividades e as desenvolveu.

Os trabalhos nas quartas séries fluíram de forma agradável. As professoras e os alunos desenvolveram as atividades alegremente. As professoras queixavam-se do tempo, que era escasso; queriam até prolongar algumas atividades, entretanto, iriam acabar prejudicando o conteúdo do currículo.

Foi de grande valia o emprego deste projeto nas Classes Especiais, pois são alunos que geralmente possuem auto-conceito negativo, sem muita perspectiva de vida, desanimados. Este conteúdo veio proporcionar um novo sentido às suas vidas.

Avaliação dos professores

A avaliação foi realizada com 95 professores da rede de ensino municipal de Mandaguari, que responderam a um questionário, nos dias 06 e 07 de outubro de 2005. O questionário teve por objetivo apresentar os pontos positivos e negativos, decorrentes do primeiro ano de implantação do projeto, assim como, elencar algumas sugestões dos educadores para melhoria da execução do programa para o próximo ano.

O Quadro 1 apresenta os principais pontos positivos apontados pelos educadores.

Quadro 1: Pontos positivos da “Metodologia Empreendedora”

Principais pontos positivos apresentados pelos educadores:

Mudança no comportamento dos alunos, demonstrando mais respeito, solidariedade e amizade entre si; Atividades diversificadas, motivando assim os alunos para sua realização; Desenvolvimento da possibilidade de acreditar em seus sonhos e na capacidade de realizá-los; Envolvimento dos pais e da comunidade em algumas atividades; Motivação e envolvimento dos pais, tendo em vista os resultados.
--

Fonte: informações coletadas junto aos 95 educadores pesquisados

Em contrapartida, alguns pontos negativos, também, foram apresentados pelos educadores pesquisados, conforme pode ser visualizado no Quadro 2.

Quadro 2: Pontos negativos da “Metodologia Empreendedora”

Principais pontos negativos elencados pelos educadores:

Desestímulo de alguns professores; Dificuldade em encontrar alguns materiais solicitados nas apostilas; Extrapolação do horário previsto para a realização das atividades; Falta de envolvimento por parte de algumas escolas (direção e equipe).

Fonte: informações coletadas junto aos 95 educadores pesquisados

Apesar de se verificar alguns pontos negativos, apresentados pelos educadores, de um modo geral, pode-se afirmar que os pontos positivos do projeto excedem os pontos negativos, haja vista houve uma melhora no comportamento dos alunos, que, motivados, passaram a sonhar mais e, sobremaneira, a acreditar mais na possibilidade de realização de seu sonho. Contudo, não foram apenas os alunos que se beneficiaram do projeto. A escola, os professores, os pais e, de forma geral, a comunidade tiveram algum aspecto de suas vidas afetados, e para melhor, com a implementação da Metodologia.

Considerações Finais

A introdução de disciplinas de empreendedorismo na educação básica tem um caráter revolucionário, significando uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser. O empreendedorismo mergulha fundo no estudo do comportamento, das atitudes empreendedoras, das condições ambientais e, depois, formula métodos de ensino para a sua socialização. Quanto maior a parcela da

população com características empreendedoras, mais desenvolvida econômica e socialmente será uma nação.

No Brasil, a educação empreendedora deve incluir, necessariamente, o aumento da capacidade de gerar capital social e capital humano. Caso contrário, o país continuará a negar a participação de grandes camadas da população no processo de gerar renda e usufruir as riquezas. Reconhecer a importância da diversidade cultural, acreditar na capacidade de protagonizar os sonhos e construir o futuro, significa ressuscitar a auto-estima, mudando a cultura sem, no entanto, mudar as raízes.

A “Pedagogia Empreendedora”, metodologia de ensino do empreendedorismo para a educação básica, criada por Fernando Dolabela, é uma metodologia criada especialmente para o cenário brasileiro. Pois se entende que o empreendedorismo, pelo seu potencial de ser utilizado como principal força na eliminação da miséria e na diminuição da distância entre ricos e pobres, tem como tema central o desenvolvimento humano, social e econômico. Dolabela utiliza a Teoria Empreendedora dos Sonhos, a qual considera empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade, considerando, e destacando, o papel do empreendedor no processo de desenvolvimento de uma comunidade.

Os resultados apresentados pela aplicação da metodologia “Pedagogia Empreendedora” na rede de ensino do município de Mandaguari, localizado na estado do Paraná, são extraordinários e apontam para uma revolução potencial na educação básica do Município, tendo em vista a grande aceitação por parte de alunos, pais e, sobretudo, da comunidade em geral, que será a maior beneficiada no longo prazo. Algumas escolas estaduais, que não tiveram a aprovação do núcleo de educação para participarem oficialmente do projeto, têm aplicado a metodologia, adequando-a em sua grade curricular. Assim sendo, de forma implícita, o empreendedorismo é abordado nas matérias básicas, como matemática, história, geografia, dentre outras, mostrando o encantamento dos professores pelo projeto.

A experiência tem demonstrado que os professores são capazes de compreender, com facilidade, os processos apresentados, assim como, de se entusiasmarem com os mesmos. Em muitos casos, os próprios professores iniciam a formulação do próprio sonho e a busca de sua realização. A opção pela decisão de implementação pela unidade educacional ou pelo professor, e não pela hierarquia gerencial do ensino, mostrou-se adequada à natureza do projeto. Contatou-se que a percepção, pelo educador, da necessidade de mudanças na preparação cidadã do aluno é elemento estratégico na decisão da implementação.

A Metodologia demonstrou-se eficaz na formação empreendedora na rede de ensino do Município de Mandaguari, sendo que os alunos apresentaram mudança no comportamento, demonstrando mais respeito, solidariedade e amizade entre si, além de desenvolverem a capacidade de acreditar em seus sonhos e buscar a sua realização. No Município há grande envolvimento da comunidade, como educadora, uma vez que empresários de diversos segmentos têm participado das aulas e outros têm aberto as portas da empresa para que as crianças possam visitá-la. O fato de o projeto ter sido implantado em parceria com o Fórum de Desenvolvimento Local e a Agência de Desenvolvimento do Município, reforçam este envolvimento da comunidade como educadora. A Metodologia também se mostrou eficaz na identificação da escola como alimentadora da capacidade de formulação de sonhos individuais e coletivos comunitários, existindo a percepção da importância da educação no processo de desenvolvimento sustentável local.

Enfim, o resultado deste primeiro ano de projeto se mostrou muito satisfatório tanto para a escola, e conseqüentemente para os educadores, quanto para os alunos, pais e comunidade em geral. Embora pareça um pouco imaturo se alegrar com estes resultados esmera-se que este seja o marco inicial para um novo paradigma no ensino, haja vista que a pretensão é criar uma cultura empreendedora que se inicia na pré-escola e se alastra por toda a vida do indivíduo. Espera-se que o resultado final da “Pedagogia Empreendedora” seja

sentido, com maior importância, no longo prazo, uma vez que esta tem por meta contribuir para o desenvolvimento econômico e social sustentável.

Referências

- BOLSON, Eder Luiz. **Empreendedorismo não é modismo**. s.b.d. Disponível em <<http://www.tchaupatrao.com.br>> Acesso em 25/07/2005.
- CABINO, Anderson Costa. **Empresariamento x Empreendedorismo**. online, 2005. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>> Acesso em: 25/06/2005.
- DOLABELA, Fernando Celso. **Empreendedorismo no Brasil: uma metodologia revolucionária**. online, 2005. Disponível em <<http://www.projetoe.org.br/tv/prog10/html>> Acesso em 20/06/2005a.
- DOLABELA, Fernando Celso. **Empreendedorismo: uma forma de ser**. Brasília: AED, 2003a.
- DOLABELA, Fernando Celso. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura, 1999.
- DOLABELA, Fernando Celso. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003b.
- DOLABELA, Fernando Celso. s.d.b. disponível em <<http://www.portaldovoluntario.org.br>> Acesso em 25/07/2005b.
- DRUKER, P. F. **Administrando para o futuro: os anos 90 e a virada do século**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios**. *Revista de Administração*, São Paulo v.34, n.2, 1999.
- FRANCO, Augusto de. **Capital social. Leituras**. Brasília: Millennium, 2001.
- FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 11ª ed., 2000.
- GAZETA DO POVO. **Suplemento especial Empreendedorismo**. Curitiba: 13 de junho de 2005.
- GODOY, Arilda S. **Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais**. *Revista de Administração de Empresas*, v.35, n.3, Maio/Jun. 1995.
- NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades**. *Caderno de Pesquisas em Administração*. São Paulo, v.1, n.3, 2º Sem/1996.
- REICH, Robert B. **O Trabalho das nações**. São Paulo: Educator, 1994.
- REVISTA VOCÊ S/A s.d.b. **Empreendedores**. Disponível em <<http://listas.cev.org.br/arquivos>> Acesso em 20/08/2005.
- SHUMPETER, Joseph A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SILVA, Zita Gomes da. **O Perfil Psicológico do Empreendedor**. Belo Horizonte: Manual do Modelo CEFE– GTZ/LUSO CONSULT/CENTRO CAPE, 1991.
- TAHAN, Lillian. s.b.d. Disponível em <<http://www.correioweb.com.br>> Acesso em 25/07/2005.
- TERRA, Branca s.d.b. **O empreendedorismo e a inovação tecnológica**. Disponível em <<http://www.capitalderisco.gov.br/vcn/empreendedorismo>> Acesso em 25/07/2005
- TIMMONS, J.A. **New Venture Creation. Entrepreneurship for the 21 century**. New York: Irwin, 4ª ed., 1994.
- VIEIRA, Valter Afonso. **As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing**. *Revista FAE*. Curitiba: v.5, n.1, jan/abr.2002.